



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **A *physiología* de Epicuro: *phármakon* para a *eudaimonía*<sup>4</sup>**

Por: Osmar Martins de Souza<sup>5</sup> (msouza.32@gmail.com)

### **Resumo**

Este texto tem como intento desenvolver algumas reflexões sobre a *physiología* (física) de Epicuro como *phármakon* (remédio) para a *eudaimonía* (felicidade). A física no sistema filosófico de Epicuro teve uma função propedêutica, porque era entendida como um meio para construir os fundamentos da doutrina da felicidade (*eudaimonía*). O estudo do mundo físico empreendido por Epicuro não foi realizado de forma desinteressado, porque tinha como intento o conhecimento da natureza das coisas e com este, seria possível colocar fim aos temores que impediam os homens de viverem prazerosamente a sua existência. O propósito de tal estudo tinha uma finalidade moral e educativa, pois Epicuro considerava que este era o meio principal de abrir o caminho aos homens para a *eudaimonía* (felicidade), na medida em que os libertava dos conhecimentos falsos e de todas as vãs opiniões correntes na sociedade.

**Palavras-chave:** Epicuro; *Physiología*; *Phármakon*; *Eudaimonía*.

**Resumo** Tio teksto celas evoluigi iujn interkonsiliĝojn pri fiziologio (fizikaj) de Epicuro kiel farmakon (rimedo) por eudiamonia (feliĉo). La fiziko en filozofia sistemo de Epicuro havis propedeŭtikan funkcion, ĉar ĝi estis komprenata kiel rimedon por konstrui la fundamentojn de la doktrino de la feliĉo (eudaimonia). La studo de la fizika mondo entreprenita de Epicuro ne agis senpartiajn vojo, ĉar ĝi havis intencon kaj kono de la naturo de aferoj kaj per tio eblus meti finon al la timoj kiuj malhelpas homojn vivi ĝoje vivi ilian ekzistenco. La celo de tio studo estis morala kaj eduka celo, kiel Epicuro kredis ke tio estis la ĉefa duona de malfermante vojon por homoj eudaimonia (feliĉo), en kiuj ĝi liberigis ilin de falsaj scion kaj ĉiuj vane opinioj fluoj sócio.

**Ŝlosilvortoj:** Epicuro; Fiziologio; Farmakon; Eudaimonia.

### **Abstract**

*This text has as intent to develop some reflections about the physiology (physics) of Epicuro as *phármakon* (medicine) for the *eudaimonia* (happiness). The physics in the philosophical system of Epicuro had a propaedeutic function, because it was*

<sup>4</sup> Publicado originalmente em IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica, outubro/ 2014, Ano I, v. I, número I.

<sup>5</sup> É mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM e graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade Sagrado Coração – USC. É docente na graduação de Pedagogia, lecionando as disciplinas Metodologia de Pesquisa, Introdução às Ciências Sociais e Sociologia Geral na Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*understood as a way to construct the fundamentals of the happiness doctrine (eudaimonia). The study of the physical world undertaken by Epicuro was not disinterestedly performed, because it had as intent the knowledge about the things' nature, and with this it would be possible to finish the fears that used to stop the men from living pleasurably their existence. The purpose of such study had a moral and educative finality, because Epicuro considered that this was the main way of opening the path to the men towards the eudaimonia (happiness), as it freed them from the false knowledge and from all of the vain opinions current in the society.*

**Keywords:** Epicuro; Physiology; Phármakon; Eudaimonia.

## Introdução

Este texto tem como objetivo principal desenvolver algumas reflexões sobre a *physiología*<sup>6</sup> (física) de Epicuro<sup>7</sup> como *phármakon* (remédio) para a *eudaimonia*<sup>8</sup> (felicidade). Para alcançar essa finalidade, não se abordará neste trabalho em profundidade outros aspectos do sistema filosófico de Epicuro, a saber, sua canônica e sua ética.

Epicuro desenvolveu o seu pensamento filosófico num período de crise social, onde as instituições políticas, as verdades consagradas e os valores tradicionais gregos ruíram e por isso a maior parte dos homens gregos livres vivenciava um momento de profundas dificuldades e não visualizava saídas concretas dessa situação. Desse modo, desesperançados com os fracassos de todas as tentativas ensejadas pelos partidários da democracia em recuperar suas instituições políticas, com as guerras sucessivas, com o agravamento da situação econômica, estavam imersos em um momento de

<sup>6</sup> “A *physiología* é descrita por Epicuro como o procedimento de investigação da natureza ou de toda a realidade fenomênica que se nos apresenta. Mantendo-se fiel a uma tradição que remonta aos primeiros pensadores da Jônia, Epicuro define a *physiología* como um exercício (*áskesis*) constante de compreensão dessa realidade que é, para ele, a *phýsis*” (SILVA, 2003, p. 23).

<sup>7</sup> “Epicuro (341 – 270 a.C.) Filósofo grego, nascido em Samos, atomista, fundador do epicurismo. Começa a filosofar aos 14 anos sob a influência de Demócrito. Em 323 a.C. instala-se em Atenas. Devido à hostilidade dos macedônios, parte para a Ásia Menor. Retorna a Atenas em 306 a.C. onde funda uma escola filosófica composta por homens e mulheres, dando origem a anedotas escandalosas. Paralítico, morre em Atenas” (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 82).

<sup>8</sup> “Ela não consiste, segundo Demócrito, nos bens externos (Diels, frgs. B 170, 171, 40). O homem justo é feliz, assim Platão Rep. 353b-354<sup>a</sup>, e a melhor vida é a mais feliz. A felicidade é o supremo bem prático para os homens (Aristóteles, Eth. Nich. I 1097 a-b), definido, IBID. I, 1098<sup>a</sup>, 1100b. Consiste na contemplação intelectual. No estoicismo a felicidade resulta da vida harmoniosa” (PETERS, 1983, p. 85).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

crise e suscetíveis aos mais variados discursos, principalmente os de natureza religiosa. Com esse cenário de decadência, pode-se identificar que o homem grego livre declinava em seu espírito racional (filosofia tradicional) e em seus valores tradicionais (cívicos, religiosos) ao buscarem soluções “milagrosas” para a sua miséria social com a prática das mais diversas superstições religiosas e com comportamentos que destoavam dos que eram tidos como exemplares no período áureo da Grécia.

Epicuro não ignorou o problema da superstição na sociedade grega, bem como de outros problemas, que ao contrário de contribuírem para a tranquilidade do homem, traziam-lhes ainda maiores perturbações. Em seus principais textos, o Mestre do Jardim combateu todo tipo de credices e não poupou esforços na elaboração de um conhecimento verdadeiro das coisas, porque entendia que o conhecimento era o melhor *phármakon* para obtenção da tranquilidade e da *eudaimonía*.

### **O conhecimento da natureza como *phármakon* para a *eudaimonía***

Epicuro entendia que o conhecimento da natureza era *phármakon* (remédio) para obtenção da tranquilidade e da *eudaimonía* (felicidade). Este conhecimento do mundo natural propiciava a eliminação de todas as vãs opiniões correntes na sociedade e permitia que os homens pudessem ser felizes de fato.

A concepção fundamental da filosofia de Epicuro era de que um conhecimento seguro da natureza das coisas, da *phýsis*<sup>9</sup>, era o melhor *phármakon* para a cura dos

---

<sup>9</sup> “Embora a palavra em si não seja fortemente confirmada até ao tempo de Heráclito, (de facto, aparece anteriormente nos títulos de obras de Anaximandro e Xenófanés), é evidente que a investigação que usa a abordagem metodológica conhecida como logos e mais tarde conhecida por Pitágoras como philosophia (q. v.) teve, como assunto principal geral, a *phýsis*. Foi assim que compreenderam tanto Platão (ver Fédon 96a) como Aristóteles (Meta. 1005a) o qual chama aos primeiros filósofos *physikoi*, i. e., os interessados na *phýsis*. Conglobava estas coisas diferentes mais relacionadas: 1) o processo de crescimento ou Gênesis (assim Empédocles, frgs. 8, 63; Platão, Leis 892c; Aristóteles, Phys. 193b); 2) a substância física da qual eram feitas as coisas, a *arche* (q. v.) no sentido de Urstoff (assim Platão, Leis 891c; Aristóteles, Phys. 189ba); e 3) uma espécie de princípio interno organizador, a estrutura das coisas (assim Heráclito, frg. 123; Demócrito, frg. 242)”. (PETERS, 1983, p.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

males presentes na sociedade e na vida dos indivíduos (FARRINGTON, 1968, p. 112). A tese de Epicuro era de que o conhecimento das causas dos fenômenos naturais, em seu sentido físico, e a compreensão da sua geração, do seu desenvolvimento e da sua corrupção era necessário para a supressão do medo causado nos indivíduos pelas explicações fantasiosas e sobrenaturais (SILVA, 2003, p. 24). Com esse entendimento, buscou-se eliminar a visão corrente que se tinha na sociedade grega antiga em relação aos fenômenos naturais e em relação aos celestes, que considerava que estes fenômenos eram causados pelo sobrenatural, pelos deuses.

Nesse sentido, a investigação da *phýsis* realizada pelo Mestre do Jardim<sup>10</sup>, não era uma busca desinteressada para compreender os seus mistérios, mas sim para propiciar um conhecimento prático, ou seja, um conhecimento que pudesse servir para a vida e para torná-la livre de perturbações e de sofrimentos.

Por isso, o principal objetivo da doutrina filosófica de Epicuro foi o de ensinar aos seus discípulos que era possível alcançar a felicidade (*eudaimonía*). Em função desse objetivo central, o filósofo organizou sua teoria do conhecimento, sua física e sua concepção moral. Conforme se pode verificar em sua teoria do conhecimento, o pensador procurou apresentar critérios<sup>11</sup> que considerava seguros para os seus seguidores obterem um conhecimento real das coisas. Seguindo esses critérios<sup>12</sup> na investigação dos fenômenos, os seus discípulos poderiam remover os obstáculos que os impediam de chegar à *eudaimonía* (ULLMANN, 2010, p. 54). A

---

190).

<sup>10</sup> A escola filosófica fundada por Epicuro em Atenas em 306 a.C. Epicuro escolheu um lugar totalmente inusual: um edifício com um jardim, melhor dizendo, com um horto, nos subúrbios de Atenas. O Jardim estava longe do tumulto da vida política e próximo ao silêncio do campo. Daí o nome de “Jardim” passou a indicar a escola de Epicuro.

<sup>11</sup> Na Canônica, segundo Diógenes Laércio, Epicuro afirma que os critérios para se chegar à verdade são três: as sensações, as antecipações e os sentimentos (LAÉRTIOS, 2008, p. 289).

<sup>12</sup> “O termo *kriterion* é de origem em parte jurídica, portanto, um tribunal, mas se aplica também a um árbitro e a todo instrumento de arbitragem. É *kriterion*, nesse sentido, um meio de avaliar aquilo que se apresenta como verdadeiro, justo, desejável etc. Já é dizer que o conhecimento não é conquista por ruptura com a opinião em geral e elevada a uma ordem inteligível de uma natureza diferente, mas por uma triagem no campo imanente das opiniões” (GIGANDET, 2011, p. 92).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

remoção desses entraves devia-se ao estudo da natureza ou da *physiología*, na medida em que esta tinha a função de propiciar um conhecimento natural de todos os fenômenos, os terrestres e os celestes, com vistas de rechaçar qualquer interferência no mundo físico de forças sobrenaturais, pois estas causavam temor e tiravam a tranquilidade humana. Sobre a importância do conhecimento da natureza para a obtenção da tranquilidade ou da *eudaimonía*, Epicuro considerou:

De nada serve adquirir a segurança em relação aos homens se as coisas que se passam acima de nós, bem como aquelas que se encontram sob a terra e as que se difundem pelo espaço infinito nos inspiram temor (EPICURO, 2010, p. 31).

Dessa forma, a investigação física do mundo empreendida por Epicuro em seus trinta e sete livros: *Da Natureza (Peri Phýseôs)* ou *Sobre a Natureza (Peri phýseous)*<sup>13</sup> não foi realizada de uma forma desinteressada, porque tinha como intento o conhecimento da natureza das coisas e, por meio deste, entendia que seria possível colocar fim aos temores que impediam os homens de viverem prazerosamente a sua existência. O propósito do estudo da natureza tinha uma finalidade moral e formativa, pois Epicuro considerava que esse era o meio principal de abrir o caminho aos homens para a felicidade (*eudaimonía*), na medida em que os libertava dos conhecimentos tidos por falsos (LLANOS, 1971, p. 12). Assim, parece ter entendido Epicuro em *suas Máximas Principais*, ao afirmar que:

---

<sup>13</sup> “La más extensa y má importante obra de Física del prolífico escritor que fue Epicuro es la que conocemos con el título general da *Acerca de la Naturaleza, en trienta y siete libros*. La composición de una obra tan voluminosa se habría extendido durante una serie de años, en los que él habría ido escribiendo los libros sucesivamente, reflejando en ellos su pensamiento y las discusiones de los problemas tratados en el círculo escolar del Jardín. [...] La magna obra, como todos los demás tratados epicúreos, no se nos ha transmitido por tradición textual y las citas indirectas a la misma son más bien escasas. Pero el afortunado descubrimiento de los fragmentos papiráceos de la Biblioteca de Filodemo en Herculano, donde existió un ejemplar de la obra, nos ha permitido un conocimiento directo de algunos pasajes mutilados y truncos, pero suficientes para darnos una idea aproximada del carácter y del estilo expositivo de este magnum opus de la Física epicúrea. Gracias a la meritoria labor de un grupo de minuciosos filólogos e historiadores de la filosofía antigua tenemos hoy una idea general de lo que fue este largo trabajo de investigación y especulación metafísica y física” (GUAL, 2006, p. 124-125).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Não haveria maneira de suprimir aquilo que suscita temor a respeito das questões mais importantes sem saber qual é a natureza do universo, mas tão somente alguma inquietação relativamente aos mitos. De modo que não há meio, sem o estudo da natureza, de desfrutar prazeres puros (EPICURO, 2010, p. 30).

Para suprimir as perturbações causadas pelas crenças nos mitos, o estudo da natureza do universo e do homem era imprescindível para o Mestre do Jardim. Entendia que sem o conhecimento da física seria impossível ao homem desfrutar dos prazeres verdadeiramente puros. A física, ao explicar todos os fenômenos sem apelar às divindades, inclusive os fenômenos celestes, que causavam medo nos indivíduos, propiciava um conhecimento essencial para trazer a tranquilidade. Epicuro não deixou dúvidas sobre a função da física em seu sistema, na *Carta a Pítocles*:

*[...] hay que creer que la única finalidad del conocimiento de los fenómenos celestes, tanto si se tratan en relación con otros, como independientemente, es la tranquilidad y la confianza del alma, y este mismo fin es el de cualquier otra investigación (EPICURO, 2008, p. 38).*

Para Epicuro, o verdadeiro sentido de toda a filosofia e de toda a formação era ser *phármakon* da alma, e para isso, era necessário libertar os homens das representações que os amedrontavam e os angustiavam, e isso, tornava-se possível pelo procedimento de descobrir a essência real da natureza e da conexão entre os fenômenos naturais (NESTLE, 1961, p. 247). Desse modo, a conquista da auto-suficiência espiritual, que era a finalidade da filosofia de Epicuro, que devia ter por base um conhecimento seguro da realidade universal e da posição do homem no mundo, que era fornecido pela ciência da natureza (MONDOLFO, 1973, p. 267).

Assim, a partir da física, Epicuro construiu os alicerces que considerava seguros para a apresentação dos seus princípios formativos na ética, com a convicção de que consistiam nos elementos essenciais para alcançar a *eudaimonía*. Em sua teoria física procurou demonstrar que tudo o que existe é composto por elementos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

naturais, ou seja, de átomos, e assim sendo, a vida não teve como causa e como fim um ser sobrenatural, um deus, deuses ou um primeiro motor como entendia Aristóteles<sup>14</sup>, mas

nos movimentos dos próprios átomos, que, em si mesmos, podem se mover e, por seus movimentos, compõem e decompõem todas as coisas que existem. Sobre esta questão Caro afirmou:

Efetivamente, são os próprios elementos os primeiros a se moverem por si mesmos; vêm depois os corpos cuja composição é reduzida e que estão, digamos assim, mais perto de forças elementares: movem-se impelidos pelos choques invisíveis destas últimas, e, por seu turno, põem em movimento os que são um pouco maiores. Assim o movimento sobe desde os elementos e a pouco e pouco chega aos nossos sentidos, até que se movem aquelas mesmas coisas que podemos ver na luz do Sol, embora permaneçam invisíveis os choques que os causam (CARO, 1988, p. 48).

Pode-se apreender, a partir da citação acima, o entendimento que Epicuro tinha em relação à existência de todas as coisas em sua física, bem como a importância que esta ocupava na doutrina filosófica do Mestre do Jardim. Desse modo, a análise dos seus pontos essenciais se coloca como necessária para a compreensão do pensamento epicurista.

O primeiro ponto que Epicuro considerou na *Carta a Heródoto*, como fundamental em sua física, foi que:

[...] nada nace de lo que no existe, puesto que, si así fuera, cualquier cosa habría nacido de cualquier cosa, sin necesitar para nada semilla alguna. Por otro lado, si las cosas que van desapareciendo se consumieran pasando a lo que no existe, entonces también todas las cosas habrían perecido, al no existir cosas en que disolverse (EPICURO, 2001, p. 51).

---

<sup>14</sup> Filósofo grego (nascido em Estagira, Macedônia). Discípulo de Platão na Academia. Preceptor de Alexandre Magno. Construiu um grande laboratório, graças à amizade com Felipe e seu filho Alexandre. Aos cinquenta anos funda sua própria escola, o Liceu, perto de um bosque dedicado a Apolo Lício. Daí o nome de seus alunos: os peripatéticos. Seus últimos anos são entremeados de lutas políticas. O partido nacional retoma o poder em Atenas. Aristóteles se exila na Eubéia, onde morre (JAPIASSU; MARCONDES, 1993, p. 25).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com esse princípio estabelecido, o Mestre do Jardim toma como pressuposto que tudo o que existe não foi criado do nada por forças sobrenaturais, mas por forças naturais que estão em constantes mudanças e existem desde sempre no universo. Os corpos surgem de outros que existem, ou seja, a decomposição de uns é causa da composição de outros e isso se dá com tudo o que existe e pode ser comprovado pelos nossos sentidos. Segundo Epicuro, os sentidos atestam essa verdade ao permitir a apreensão dessas ocorrências no mundo natural. Em face dessas mudanças que se efetivam: composição e decomposição, ser e vir-a-ser, existe algo que permanece e possibilita que isso aconteça, os átomos e o vazio. Nesse mesmo sentido, acrescenta Caro:

*Acrescente-se a isto que a natureza faz voltar todos os corpos aos seus elementos, mas nada aniquila inteiramente; se alguma coisa estivesse sujeita a perecer em todos os seus elementos, poderia desaparecer subitamente da nossa vista; não seria necessária nenhuma força para produzir o fim das suas partes e para lhes desfazer a ligação. Mas, de fato, como todos os seres se compõem de germes eternos, não permite a natureza que se veja o fim de coisa alguma senão quando surge alguma força que pelo choque desaparece, ou se insinue pelos espaços vazios e a dissolva (CARO, 1988, p. 34).*

Portanto, para Epicuro, todas as coisas são compostas de átomos, e essa composição, só pode tornar-se, porque existe o vazio que permite o movimento dos átomos. Os átomos e o vazio são infinitos e eternos, por isso, tudo o que existe ou venha a existir não tem outra causa e outra natureza. Com base nesses princípios fundamentais, Epicuro foi construindo um conjunto de verdades, tais como:

*Y hay que dar por garantizado también que el universo siempre fue tal como ahora es, y que siempre será así, puesto que no hay nada en que transformarse, pues fuera del universo no hay nada que, luego de introducirse en él, pudiera causar la mutación (EPICURO, 2001, p. 51).*

Com esse posicionamento, Epicuro eliminava qualquer possibilidade de se buscar a explicação do mundo, do universo e da condição humana em forças sobrenaturais, pois tudo sempre foi como é agora, um composto de átomos e vazio



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que são eternos e infinitos. A partir desses elementos naturais se pode explicar as transformações ou modificações em todo o universo sem recorrer aos deuses ou a forças misteriosas. Nesse sentido, contundentes são as considerações de Caro ao afirmar:

No entanto, contrariamente a isto alguns, ignorantes da matéria, creem que não teria podido a natureza, sem o favor dos deuses, acomodar-se tanto aos objetivos humanos, variando as estações do ano, criando as searas e todas as outras coisas a que incita os mortais, ponde-se como guia da vida a própria, divina voluptuosidade, e incitando-se, pelos trabalhos de Vênus, a que se reproduzam as gerações para que não pereça o gênero humano. Mas parece, quando pensam que tudo fizeram os deuses por causa dos mortais, que andam muito longe da verdade. Efetivamente, embora eu ignorasse quais são os princípios das coisas, ousaria afirmar, pelas próprias leis do céu e por fatos numerosos, que de modo algum o mundo foi criado para nós por um ato divino (CARO, 1988, p. 49).

Diferentemente da concepção platônica, e principalmente da estóica<sup>15</sup>, que postulava que a ordem do cosmos foi propiciada por deus e davam explicações desse gênero, Epicuro procurou explicar a origem do cosmos pelos princípios naturais, sem recorrer aos deuses. Considerava que não há nada o que temer no universo e não há nenhuma necessidade de apelar ao que não existe para entender o mundo natural e a situação humana, pois segundo o mestre do Jardim:

*[...] el universo está compuesto de cuerpos y de vacío. De la existencia de los cuerpos nos da testimonio la sensación, en la que es necesario que se apoye el razonamiento al conjeturar acerca de lo desconhecido, como ya he dicho antes. Si no existiera eso que nosotros llamamos vacío, y espacio, y sustância intangible, los cuerpos no tendrían ni donde existir ni por donde moverse, del modo como vemos que efectivamente se mueven. Ahora bien, a excepción de los cuerpos y el vacío, no hay cosa alguna que podamos imaginar – ni a través de los sentidos, ni por analogia con ellos – como una naturaleza existente por sí misma y no como aquello que llamamos síntomas o contingencias (EPICURO, 2008, p. 10).*

<sup>15</sup> “No princípio, deus estava só em seu ser, e transformava toda a substância em sua volta por meio do ar em água; e como no sêmen está o germe, da mesma forma aquilo que é a razão seminal do cosmos permanece como criador no úmido, de tal maneira que a matéria passa a ter por sua obra a faculdade de continuar a gerar. O próprio deus criou em primeiro lugar os quatro elementos – fogo, água, ar e terra. Esse ponto é discutido por Zênon em sua obra *Do Cosmos*, por Crísipos no primeiro livro de sua *Física*, e por Arquêdemus na obra *Dos Elementos*” (LAËRTIOS, 2008, p. 212).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na primeira parte da citação acima, pode-se identificar a concepção de Epicuro sobre a composição de todo o universo: “um composto de corpos e de vazio” (EPICURO, 2008, p. 10). A existência dos corpos não pode ser negada, bem como as modificações que acontecem nos corpos, como atesta as nossas “sensações”, e essas modificações só ocorrem pela existência do vazio.

Epicuro definiu o vazio ou espaço como natureza intangível e como o lugar que permite a existência dos corpos e do seu movimento. Da comprovação da existência do ser dos corpos pela sensação, coloca-se também como necessário o ser do vazio, ou seja, a sua existência. Para compreender o vir-a-ser dos corpos, o vazio se coloca como o meio onde eles se formam, se desenvolvem e se dissolvem (SILVA, 2003, p. 29). Esse raciocínio foi empregado para confirmar o vazio, também foi utilizado para dar as explicações dos corpos celestes sem recorrer aos mitos. Na segunda parte da citação, o filósofo reafirma a sua convicção de que além dos corpos e do vazio não se pode imaginar mais nada no universo que tenha existência.

Por isso, para Epicuro o que existe são corpos e vazio. O vazio não tem diferença, pois é considerado o espaço que permite a existência dos corpos e de seus movimentos. Mas, em relação aos corpos, os define de acordo com duas naturezas: os simples e os compostos. Os corpos simples são os átomos, que são imutáveis, indivisíveis, indestrutíveis e infinitos, e os corpos compostos são os agregados atômicos, que são mutáveis, divisíveis e finitos. Essa definição e diferenciação entre os corpos simples e os compostos foram apresentadas por Epicuro da seguinte forma:

*Así, de los cuerpos, unos son compuestos, y los otros, los elementos a partir de los cuales los compuestos se han formado. Estos elementos son indivisibles e inmutables – si es verdad que no todo tiene que destruirse en el no ser, sino que estos elementos han de permanecer indestructibles al producirse la disolución de los compuestos – ya que su naturaleza es compacta y no poseen ni lugar ni medio para disolverse. Por tanto, es necesario que los elementos primeros sean las sustancias indivisibles de los cuerpos (EPICURO, 2008, p. 11).*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os átomos são os elementos que constituem todos os corpos compostos, mas não se confundem com estes, porque têm suas próprias especificidades. Os átomos são indivisíveis e não podem desaparecer no nada com a dissolução dos corpos compostos, é necessário que subsistam corpos de uma natureza compacta, não podendo, em nenhuma hipótese, serem dissolvidos (BRUN, 1987, p. 62). Apesar de não vermos essas partículas mínimas (os átomos), observa-se o nascimento e morte, crescimento e fenecimento dos corpos, o que nos obriga a concluir sobre a existência de corpos que são imutáveis e totalmente impenetráveis (LONG, 1977, p. 41). Esses elementos que caracterizam os átomos foram explicitados por Epicuro na *Carta a Heródoto*, com as seguintes características:

*[...] los átomos no poseen ninguna cualidad de las cosas visibles excepto forma, peso y tamaño y cuantas cosas son por necesidad connaturales a la forma. Pues toda cualid cambia, y en cambio los átomos no cambiam en absoluto, precisamente porque es preciso que subsista en medio de las disoluciones de los cuerpos compuestos alguna cosa sólida e indisoluble, que es la que no reducirá a la nada ni traerá de lo nada los câmbios, sino que los tratará en muchos cuerpos como simples transposiciones y en algunos como accesos y recesos (EPICURO, 2001, p. 58).*

Para Epicuro, os átomos têm três características principais: “forma, peso e tamanho”. Os átomos constituem todas as coisas que existem, as conhecidas ou não, e por isso, o número das formas dos átomos é inumerável, mas é finito (BRUN, 1987, p. 63). Os átomos são em números diversos para estarem de acordo com a variedade de coisas que existem e que são comprovadas pelos sentidos. Assim como as coisas não existem em formas infinitas, os átomos também não possuem formas infinitas. Em relação ao tamanho dos átomos, Epicuro considerou que:

*[...] no se debe suponer que en los átomos existe todo tipo de tamaños, sino que debe suponerse que existen determinadas varioaciones de tamaño, puesto que si le asiste esta característica se dará cuenta mejor de las cuestiones relativas a los sentimientos y las sensaciones (EPICURO, 2001, p. 59).*

No que se refere ao peso, Epicuro introduziu essa característica ao átomo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

para explicar a sua caída no vazio. Considera-se que o peso foi uma modificação ao sistema de Demócrito<sup>16</sup>, principalmente, a partir das críticas que Aristóteles dirigiu ao sistema de Demócrito (GUAL; ÍMAZ, 2008, p. 68). O peso determina a caída dos átomos no vazio e explica o contínuo movimento dos átomos na constituição de todas as coisas, mas também introduziu o acaso em seu sistema, como um segundo elemento para explicar o movimento dos átomos na formação dos corpos. Segundo Epicuro, em um determinado momento da caída dos átomos, sem causa determinada, cada átomo podia desviar-se, levemente, da sua linha de caída e vir a chocar-se com outros átomos, cujos choques provocariam outros movimentos na formação dos diversos corpos (LLANOS, 1971, p. 15). Isso é atestado por Caro da seguinte forma:

*[...] quando os corpos são levados em linha reta através do vazio e de cima para baixo pelo seu próprio peso, afastam-se um pouco da sua trajetória, em altura incerta e em incerto lugar, e tão-somente o necessário para que se possa dizer que se mudou o movimento. Se não pudessem desviar-se, todos eles, como gotas de chuva, cairiam pelo profundo espaço sempre de cima para baixo e não haveria para os elementos nenhuma possibilidade de colisão ou de choque; se assim fosse, jamais a natureza teria criado coisa alguma (CARO, 1988, p. 50).*

A questão do movimento de desvio dos átomos foi um ponto em que Epicuro foi bastante questionado pelos seus detratores, mas não trataremos aqui dessa questão, porque não é este o objetivo, mas sim o de entender como a teoria do desvio atômico serviu para o pensador do Jardim justificar a liberdade da ação humana. Assim, na *Carta a Heródoto*, o filósofo definiu os movimentos dos átomos nos seguintes termos:

*Los átomos tienen un movimiento continuo siempre; unos se distancian grandemente entre si, otros conservan este mismo impulso como vibración cuando son desviados por otros átomos que se entrelazan con ellos o quedan recubiertos por otros ya previamente entrelazados. La*

---

<sup>16</sup> Na teoria atômica de Demócrito “tudo acontece por força da necessidade”; e para este filósofo, a “necessidade é vórtice causador da gênese de todas as coisas” (LAËRTIOS, 2008, p. 263).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*naturaleza del vacío que aísla a cada átomo es a causa de que se comporten así, puesto que no tiene la capacidad de obstaculizar su caída. Por otra parte, la dureza constitucional de los átomos hace que éstos reboten unos con otros, hasta que su recíproco entrelazamiento no los hace retroceder después de la colisión. No existe un comienzo de este movimiento: los átomos y el vacío son eternos (EPICURO, 2008, p. 12-13).*

Do movimento contínuo dos átomos em linha reta, “uns se distanciam grandemente de outros”, destarte, Epicuro argumenta na mesma Carta que: “los átomos que se mueven en el vacío sin que nada les intercepte tengan velocidades iguales, porque los cuerpos pesados no se moverán más rápidamente que los pequeños” [...] (EPICURO, 2008, p. 23). O distanciamento entre eles se daria pelo choque, mas como ocorre o choque se os átomos caem em uma mesma velocidade e em linha reta? Os choques se dariam porque no movimento de caída os átomos se desviam levemente de sua linha reta e, por isso, uns se afastam mais que outros devido ao impacto entre os corpos que têm tamanhos diferentes. Epicuro ainda considerou que esse movimento não tem começo, pois “os átomos e o vazio são eternos”. Em relação à questão da declinação dos átomos, um ponto que é polêmico na física de Epicuro, expressivas são as considerações sobre sua função na física epicurista feitas por Graziano Arrighetti:

*Epicuro hubo de darles la capacidad de declinar (clinamen) en tiempos y lugares indeterminados el seguir su movimiento de caída rectilínea. Tal principio, era de importancia capital para romper la ley de la necesidad natural e introducir un elemento de libertad en las acciones humanas. Em el plano puramente físico esta capacidad de declinar servía para explicar el origen del movimiento atómico creador. Los átomos chocan entre si y rebotan de modo que se produce una especie de torbellino de donde nacen los mundos con todo su contenido; cada se desarrolla y crece gracias a la aportación continua de masas atómicas, hasta que alcanza su equilibrio. Entonces comienza la decadencia que le conducirá más o menos rápidamente a la destrucción. En el universo infinito, los mundos son infinitos y pueden ser semejantes al nuestro, o diferentes a él (ARRIGHETTI, 1975, p. 308-309).*

Para Epicuro, os átomos têm forma, tamanho, peso e são infinitos número.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Se são infinitos em número, eternos e estão em constante movimento no vazio eterno ou infinito, os mesmos podem constituir infinitos corpos de diferentes modos e a existência de outros mundos é perfeitamente possível. Nesse preciso sentido, Epicuro afirmou na *Carta a Heródoto*:

*Los mundos existentes son infinitos, tanto los que se parecen al nuestro, como los que son por completo distintos, puesto que los átomos - infinitos en número, tal como hemos demostrado – se extienden hasta los espacios más alejados. Y los átomos aptos para formar o constituir un mundo no se agotan ni en solo mundo, ni en todos los que se parecen al nuestro, ni en los que son distintos de él. De modo que nada se opone al hecho de que el número de mundos sea infinito (EPICURO, 2008, p 13).*

Com base em sua teoria atômica, Epicuro desenvolveu, principalmente na *Carta a Heródoto*, uma explicação essencialmente física da constituição e decomposição de todas as coisas, da micro realidade até a macro realidade, afirmando que tudo se deve ao átomo e ao vazio. Assim, para o Mestre do Jardim, não existia nada no universo que tivesse outra composição ou outra origem. Ora, se tudo tem essa composição, com a alma humana não poderia ser diferente. A alma é um composto de átomos e da mesma forma em que foi formada também se dissolverá, isto é, a alma não é incorpórea e não é eterna, porque eterno e infinito são os átomos e o vazio. Entendê-la dessa forma era fundamental para o Mestre do Jardim, pois, dessa maneira, aniquilava-se o terror e o medo que as pessoas tinham em relação à morte e aos deuses. Eis a definição da alma na *Carta a Heródoto*:

*[...] el alma es un cuerpo formado a base de partículas finísimas extendidas por el cuerpo entero, y sumamente parecido a un soplo de aire lleva en si cierta mezcla de calor y, en un sentido, parecido a uno de estos dos elementos y, en otro, al otro. Es el alma la parte que, em razón de sus partículas finísimas, ha experimentado enorme diferenciación incluso de esos mismos elementos a los que se parece, y, por razón de esta su especial finura, comparte también más los mismos sentimientos con el resto del cuerpo agregado a ella. Y, ello es claro, las facultades del alma, los sentimientos internos, la facilidad para emocionarse, la capacidad de discernimiento y aquele privados de lo cual morimos conforman todo este ser del alma. Y en verdad es preciso retener en la mente la idea de que el alma guarda en si el más importante agente de las sensaciones (EPICURO, 2001, p. 63-64).*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pode-se apreender dessa definição acima, que a alma é formada de “partículas finíssimas”, mas não deixa de ser corpórea. Composta de átomos materiais e diminutos, a alma é o agente mais importante das sensações, porque tem a propriedade de sentir, de fazer o discernimento das coisas, de coordenar as sensações e de pensar (GUAL; ÍMAZ, 2008, p. 74). Desse modo, a alma tem uma função específica no corpo humano, mas só existe juntamente com o corpo e não possui uma vida à parte ou além do corpo. Com a morte do corpo, o mesmo para de ter sensações de dor ou de prazer e a alma também fica privada de suas propriedades, já que não existe sem o corpo e é por ele que recebe as sensações. Tanto quanto o corpo, a alma não goza da possibilidade de ter uma vida além, ou seja, com a morte do corpo a alma deixa de sentir e também se decompõe e já não sente mais nada. Neste preciso sentido, afirmou Epicuro na *Carta a Heródoto*:

*[...] Y hay que dar por garantizado también que, si se disuelve el resto del cuerpo, el alma se difumina, y ya no tiene las mismas facultades ni tampoco se mueve, con lo que resulta que no posee tampoco sensibilidad. Pues no es posible imaginar que el alma conserva la facultad de la sensación si no está inmersa en el contexto citado, ni funciona con los movimientos citados cuando la capa del cuerpo que la protege y envuelve ya no es tal. En cambio ahora, al estar el alma dentro de esa capa constituida por el cuerpo, tiene los referidos movimientos (escolios: “Epicuro dice en otros libros también que el alma está compuesta por átomos suavísimos y sumamente redondos, bastante diferentes de los del fuego, y que, a su vez, la parte irracional del alma es la que se disemina por el resto del cuerpo, y que la racional está en el tórax, como es claro a juzgar por el miedo y la alegría [...]” (EPICURO, 2001, p. 64).*

Ao construir uma definição da alma em termos estritamente físicos, Epicuro objetivava negar qualquer possibilidade de sobrevivência da alma após a morte e visava demonstrar que toda a crença em um sistema de prêmios e castigos, como recompensa pela vida na terra, era pura mitologia (LONG, 1977, p. 56). Com essa explicação, Epicuro tinha em mira refutar o pensamento sobre a imortalidade da alma e remover o medo que essa crença causava, tendo em vista que isto trazia um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

medo excessivo em relação à morte e era um impedimento para os indivíduos poderem viver prazerosamente a sua existência.

Para Epicuro, a crença na imortalidade da alma, que era disseminada na

*paidéia*<sup>17</sup> clássica da sociedade grega e sustentada pelo pensamento filosófico dominante, como se pode identificar no de Platão<sup>18</sup>, era motivo de medo para as pessoas, mas que não se sustentava pela investigação da *phýsis* e, por isso, não deveria ser aceita. Assim, compreendia que:

*[...] cuando se espera algún mal eterno por las creencias en leyendas de la mitología, y también por miedo de aquella falta de sensibilidad que nos provoca la muerte, como si esto fuera un mal; y, por último, porque todos estos sufrimientos no se basan en nuestras propias convicciones, sino en un estado de espíritu irracional, de modo que los hombres, sin saber cuáles son los límites de estos terribles males, están sujetos a turbaciones iguales o mayores que si compartieran las creencias más vulgares (EPICURO, 2008, p. 35).*

Com base na investigação física do mundo, Epicuro procurou demonstrar que a alma é um composto de partículas materiais finíssimas e estava sujeita às mesmas determinações dos outros corpos compostos que existem no Cosmos. As únicas coisas que são eternas são os átomos e o vazio. Portanto, com esse fundamento estabelecido, procedeu em sua física a uma investigação que visava a elaborar um

<sup>17</sup> O termo *paidéia* não tem uma tradução simples. Ele não significa, como vulgarmente se traduz, apenas como educação. Significa muito mais que isso, aglutinando termos tais como cultura, instrução e formação. Desde o seu surgimento a palavra *paidéia* foi cobrindo um campo cada vez mais vasto de significados. O termo começou a ser utilizado no séc. IV a.C. e, nessa altura, tão-somente, começou a significar a criação dos meninos. Mas seu significado depressa se alarga, passando a designar não só o processo educativo, mas também o conteúdo e o produto desse processo. Torna-se assim claro e natural o fato de os gregos, a partir do séc. IV, em que este conceito achou a sua cristalização definitiva, terem dado o nome de *paidéia* a todas as formas de criação espiritual e ao tesouro completo da sua tradição (JAEGER, 2002).

<sup>18</sup> Platão nasceu em Atenas, em 428/427 a. C. Seu verdadeiro nome era Aristocles. Platão é um apelido que derivou, como referem alguns, de seu vigor físico ou, como contam outros, da amplitude de seu estilo ou ainda da extensão de sua testa (em grego, *platôs* significa precisamente “amplitude”, “largueza”, “extensão”). Platão foi discípulo de Sócrates, cuja morte marcou profundamente sua vida e os encaminhamentos de sua posição teórica. Platão travou diversos embates políticos e em 347 a. C. morreu em Atenas (REALE, 1994, p. 126).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conjunto de conhecimentos ou de orientações para livrar os homens das perturbações causadas pelas vãs opiniões e pelas falsas representações das coisas dadas por filósofos como Platão e Aristóteles.

Esses conhecimentos foram sintetizados na *Carta a Heródoto* e foram fundamentais para o Mestre do Jardim estruturar sua doutrina moral, sintetizada, principalmente, na *Carta a Meneceu (Carta sobre a felicidade)* e em algumas de suas *Máximas Principais*. Nesta doutrina, estava contido o que o pensador do Jardim entendia como necessário para proporcionar a verdadeira *eudaimonía* (felicidade). Portanto, para Epicuro o conhecimento físico do mundo era imprescindível (era *phármakon*), porque era o alicerce para a elucidação de todos os fenômenos naturais e para remover o medo em relação ao sobrenatural, para produzir a tranquilidade e a felicidade.

### Considerações finais

Epicuro defendeu em sua *physiología* (física) que o conhecimento da *phýsis* (natureza) era um elemento essencial para se alcançar a *eudaimonía* (felicidade), porque removia o medo que as pessoas tinham em relação aos fenômenos naturais. A física permitia entender o mundo natural sem recorrer ao sobrenatural (deuses) e contribuía para eliminar as superstições religiosas em voga na sociedade antiga e por isso, constituía o melhor *phármakon* (remédio) para propiciar a tranquilidade da alma e a felicidade.

Por isso, em sua *physiología* (física), o Mestre do Jardim demonstrou que tudo o que existe é composto de elementos naturais, ou seja, de átomos, e assim sendo, a vida não tem como causa e como fim um ser sobrenatural, um deus, mas nos movimentos dos próprios átomos, que, em si mesmos, podem se mover e, por seus movimentos, compõem e decompõem todas as coisas que existem.

Portanto, a física de Epicuro tinha por finalidade explicar o mundo, o universo

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

e a condição humana na própria matéria, pois tudo sempre foi como é agora, um composto de átomos e vazio que são eternos e infinitos. A partir desses elementos naturais se explicava todas as transformações ou modificações em todo o universo sem recorrer aos deuses. Dessa forma, a *physiología* (física) epicurista tinha uma função fundamental em seu sistema filosófico, o de produzir um conhecimento verdadeiro, que era tido pelo Mestre do Jardim como o melhor *phármakon* (remédio) para a *eudaimonía* (felicidade).

### Referências

- ARRIGHETTI, Graziano. Epicuro y su escuela. In: PARAIN, Brice (Org.). **Historia de la filosofía**. México: Siglo XXI Editores, 1975.
- BRUN, Jean. **O epicurismo**. Lisboa: Edições 70, 1983.
- CARO, Tito Lucrécio. **Da Natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os pensadores).
- EPICURO. **Máximas Principais**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- EPICURO. **Carta a Herótodo** (Sobre a Física). Tradução, estudo preliminar e notas de Montserrat Jufresa. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- EPICURO. **Carta a Pítocles** (Sobre a Astronomia e Meteorologia). Tradução, estudo preliminar e notas de Montserrat Jufresa. Madrid: Editorial Tecnos, 2008.
- EPICURO. **Carta a Herótodo** (Sobre a Física). Tradução e edição de José Vara. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- EPICURO. **Carta a Pítocles** (Sobre a Astronomia e Meteorologia), Tradução e edição de José Vara. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- FARRINGTON, Benjamin. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- GIGANDET, Alain. Os princípios da física. In MOREL, P.-M (Org.) **Ler Epicuro e os epicuristas**. São Paulo: Loyola, 2011.
- GUAL, Carlos García. **Epicuro**. Madrid: Alianza, 2006.
- GUAL, Carlos García; ÍMAZ, María Jesús. **La filosofía Helenística: éticas y sistemas**. Madrid: SÍNTESIS, 2008.
- JAEGER, Werner. **Paidéia. A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008.
- LLANOS, Alfredo. **La filosofía de Epicuro**. Buenos Aires: ERGON, 1971.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- LONG, Anthony A. **La filosofía helenística: estoicos, epicúreos, ascéticos** . Madrid: Revista de Occidente, 1977.
- MONDOLDO, Rodolfo. **O pensamento Antigo: história da filosofia Greco-romana**. Vol. II. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- NESTLE, Wilhelm . **Historia del espíritu griego** . Barcelona: Ariel, 1961. PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos** . Lisboa: Calouste, 1983.
- REALE, Giovanni . **História da Filosofia Antiga** . São Paulo: Loyola, 1994.
- SILVA, Markus Figueira . **Epicuro: sabedoria e jardim** . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio . **Epicuro: o filósofo da alegria** . 4. ed. rev. e amp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- \_\_\_\_\_. **A alma na Grécia: a origem do indivíduo no Ocidente** . Rio de Janeiro: Monografia de conclusão do curso de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2000. Disponível através do sítio [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Monografias/A\\_Alma\\_na\\_Grecia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/A_Alma_na_Grecia.pdf) Consultada em 02/01/2012, às 10:00hs.
- REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão** . São Paulo: Loyola, 2004. REZENDE, A. **Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de secundograu e graduação** . Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- ROMEYER-DHERBEY, G. R. **Os sofistas** . Lisboa: Edições 70, s/ d.
- SANTOS, V. C. dos . “Mitologia grega e educação” In COSTA, C. J. **Fundamentos Filosóficos da Educação** . Maringá: Eduem, 2008.
- VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- \_\_\_\_\_. **As origens do pensamento grego** . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.